SEVEN
publicações acadêmicas

PSICODIAGNÓSTICO EM CRIANÇAS EXPOSTAS À VIOLÊNCIA INDIRETA NA FAMÍLIA E AS REPERCUSSÕES NO SEU DESENVOLVIMENTO

https://doi.org/10.56238/sevened2025.008-036

Elane Martins Silveira
Psicóloga Hospitalar EBSERH/UFC
elane.msilveira@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5106-7027
https://lattes.cnpq.br/6212742220461005

Elenise Tenório de Medeiros Machado
Neuropsicóloga EY Welfare
elenisetmmachado@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6570-2853
http://lattes.cnpq.br/3290283594727153

RESUMO
A exposição à violência indireta na infância, a qual se caracteriza por testemunhar ou perceber agressões a outros, pode repercutir em variados problemas. Este estudo buscou investigar os efeitos da exposição à violência indireta na infância sobre o desenvolvimento infantil e os testes psicológicos comumente aplicados na investigação dos problemas relacionados a esse tipo de violência. Foi realizada revisão de literatura, pelos bancos de dados *Medline, Lilacs, Scielo* e Index Psicologia (2012-2016), selecionando artigos científicos em português, inglês e espanhol, a partir de critérios de inclusão/exclusão. Foram recuperados e analisados 12 trabalhos, verificando a relação estatística da vivência da violência a outros com problemas adversos no desenvolvimento até a idade adulta. Obteve-se resultados de que a exposição à violência pode causar sérios problemas ao desenvolvimento, a curto, médio e longo prazo, como abuso de álcool e outras substâncias, relações sexuais precoces, problemas cognitivos e de saúde mental. O estudo concluiu que é crucial a investigação da vivência desse tipo de violência na infância por meio de técnicas e instrumentos profissionais na área da avaliação psicológica, a fim de diminuir e prevenir os possíveis danos.

Palavras-chave: Exposição à Violência. Infância. Avaliação Psicológica. Psicodiagnóstico.

1 INTRODUÇÃO

Diferentemente da violência direta, caracterizada pelas agressões perpetradas ou sofridas pelo indivíduo no âmbito familiar ou social mais amplo, a violência indireta se caracteriza pelas agressões testemunhadas ou percebidas através de outras pessoas (SILVA; TOKUMARU; HOWAT-RODRIGUES, 2015).

A violência influencia todos os membros da família, seja de forma direta (ser a pessoa agredida), ou indireta (testemunhar a agressão), podendo causar consequências a curto, médio e longo prazo (PATIAS; BOSSI; DELL'AGLIO, 2014).

Embora não seja uma condição determinante, há fortes evidências da vivência do estresse na infância como fator de risco no desenvolvimento de transtornos mentais, tendo como resultados problemas nas estruturas cerebrais, na cognição e na apresentação de sintomas. E sugere novos estudos que identifiquem estratégias eficientes tanto na prevenção primária dos transtornos mentais, quanto na melhoria da resiliência das crianças abusadas (BRIETZKE et al., 2012).

Essa pesquisa de revisão bibliográfica se justifica pela hipótese da relação entre a exposição à violência indireta na infância, sofrida quando a criança testemunha outras pessoas sendo agredidas, e o desenvolvimento de transtornos psicopatológicos. Visando-se então, a contribuição no avanço dos estudos sobre avaliação psicológica dos resultados da violência indireta, e na criação de novos projetos sobre esse assunto pouco debatido, discorrendo sobre algumas das possíveis técnicas de avaliação psicológica infantil nesse âmbito de violência.

A violência sofrida – não somente pela própria criança, mas pelo simples fato de ela ter presenciado alguém sofrendo algum tipo de violência – pode influenciar todo um sofrimento desenvolvido desde a infância até a idade adulta, prolongando transtornos por muitos anos.

Objetiva-se, com essa pesquisa, correlacionar os dados obtidos na literatura existente e contribuir para evitar e detectar precocemente possíveis danos em crianças que testemunharam violência, tornando possível uma educação mais consciente do peso das atitudes dos pais/cuidadores e profissionais em relação ao desenvolvimento infantil.

2 METODOLOGIA

A partir dos objetivos da pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura exploratória, no período de um mês, fevereiro de 2017, nas bases de dados Medline (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), SciELO (Scientific Electronic Library Online), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Index Psicologia – Periódicos Técnicos Científicos. Como critérios de inclusão, foram utilizados os artigos originais, de revisão e estudos de casos dos últimos cinco anos anteriores, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, sendo pesquisados os seguintes descritores, inicialmente de forma individual, e posteriormente, correlacionando-os:

Exposição à Violência (and) Infância (and) Avaliação Psicológica (or) Psicometria (or) Testes Psicológicos.

Os critérios de exclusão foram os artigos anteriores ao ano 2012; os que exigiam pagamento para se ter acesso; os repetidos e os que tinham como foco outros tipos de violência.

3 RESULTADOS

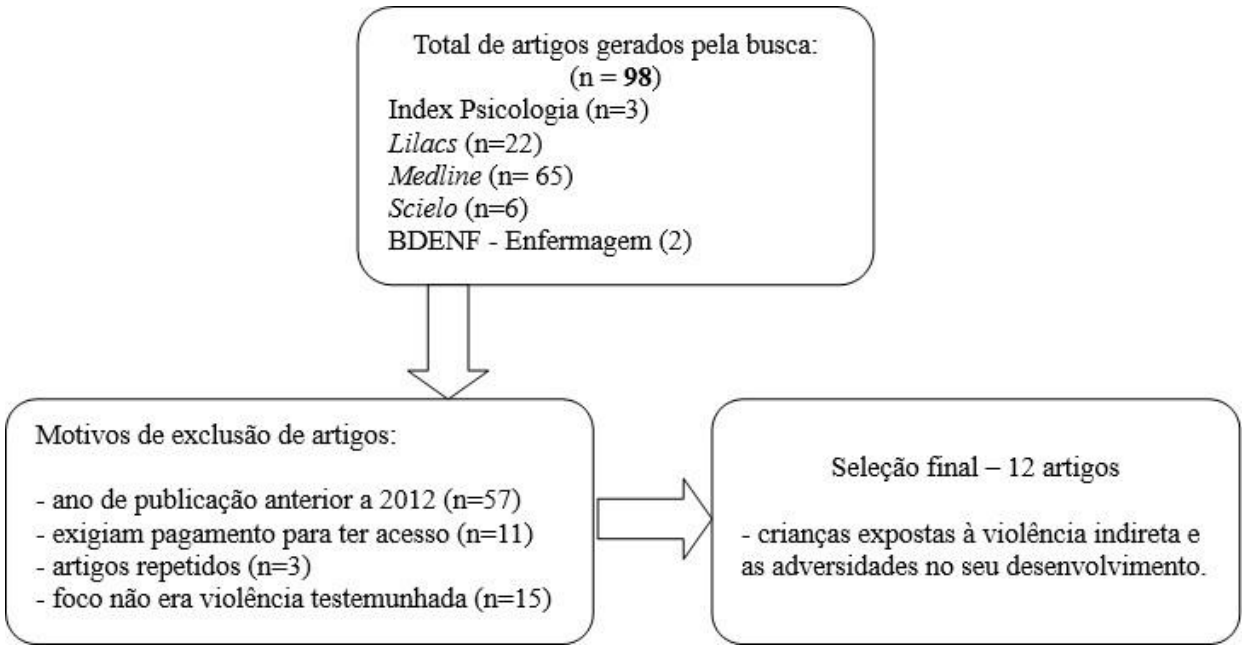
Foram encontrados 98 artigos, dos quais, no total, apenas 41 foram publicados do ano 2012 até o ano atual, o que excluiu 57 dos artigos encontrados. Entre os 41 artigos restantes, 25 foram na base de dados Medline; 08 na base de dados Lilacs; 02 na base de dados Index Psicologia – Periódicos técnico-científicos; e 06 na base de dados Scielo. No entanto, 37 eram de base de dados internacionais; e apenas 04 de bases de dados Nacionais. Destes, 07 foram publicados em 2012; 03 artigos em 2013; 07 em 2014; 17 em 2015; e 07 em 2016. No ano atual, ainda não foi publicado nenhum.

Foram retirados 03 artigos repetidos, restando 38. Desses 38, 11 artigos exigiam pagamento para ter acesso, fator que provocou sua exclusão, restando, então, 27 artigos para referência, dos quais 14 foram na base de dados Medline; 07 na base de dados Lilacs; 02 na base de dados Index Psicologia – Periódicos técnico-científicos; e 04 na base de dados Scielo. Os 27 artigos restantes foram lidos e, seu conteúdo, avaliado, excluindo-se, assim, 15, por não se relacionarem ao assunto da violência testemunhada, mas a outros tipos de violência, como abuso sexual ou agressões físicas, ou, ainda, a outros assuntos, como sugestão de terapias.

A partir dos critérios de inclusão/exclusão foram recuperados e analisados 12 trabalhos, dos quais 07 foram publicados em 2015; 02 artigos em 2014; 01 em 2013; e 02 em 2012. Conforme as bases de dados, 07 foram na base de dados Medline; 03 na base de dados Lilacs; 02 na base de dados Index Psicologia – Periódicos técnico-científicos; e apenas 01 na base de dados Scielo.

Além dos artigos recuperados, foram usados outros sete trabalhos como referência, em razão de serem de grande valia para o enriquecimento desta pesquisa.

Figura 01. Diagrama de fluxo de seleção dos artigos



Fonte: Autoria própria (2017)

Na Tabela 01, a seguir, os artigos selecionados se organizam conforme título, autor, ano de publicação e base de dados encontrada:

Tabela 1. Artigos aplicados na pesquisa

Nº	TÍTULO	AUTOR	ANO	BASE DE DADOS
01	Relationship between child abuse exposure and reported contact with child protection organizations: Results from the Canadian Community Health Survey.	Afifi, T. O. et al.	2015	Medline
02	Impact of childhood stress on psychopathology.	Brietzke, E. et al.	2012	Lilacs
03	Sex and sexual orientation disparities in adverse childhood experiences and early age at sexual debut in the United States: Results from a nationally representative sample.	Brown, M. J. et al.	2015	Medline
04	Alcohol misuse, alcohol-related risky behaviors, and childhood adversity among soldiers who returned from Iraq or Afghanistan.	Clarke-Walper, K.; Riviere, L. A.; Wilk, J.E.	2014	Medline
05	El uso de drogas entre los estudiantes universitarios y su relación com el maltrato durante la niñez y la adolescencia.	Gonzalez, Y. et al.	2015	Lilacs
06	The Influence of Direct and Indirect Juvenile Victimization Experiences on Adult Victimization and Fear of Crime.	Grubb, J. A.; Bouffard, L. A.	2015	Medline
07	Child Maltreatment and Later Cognitive Functioning: A Systematic Review.	Irigaray, T. Q. et al.	2013	Index Psicologia
08	Safeguarding the child athlete in sport: a review, a framework and recommendations for the IOC youth athlete development model.	Mountjoy, M. et al.	2015	Medline
09	Repercussões da Exposição à Violência Conjugal nas Características Emocionais dos Filhos: Revisão Sistemática da Literatura.	Patias, N. D. Bossi, T. J. Dell'aglio, D. D.	2014	Lilacs

10	Efeitos da Imprevisibilidade Familiar e das Diferenças em Função do Sexo Sobre a Propensão ao Risco, Exposição à Violência e o Desconto do Futuro de Jovens Universitários: Uma Abordagem Evolucionista.	Silva, A. A.; Tokumaru, R. S.; Howat-Rodrigues, A. B. C.	2015	Index Psicologia
11	Correlates of joint child protection and police child sexual abuse investigations: results from the Canadian Incidence Study of Reported Child Abuse and Neglect–2008.	Tonmyr, L.; Gonzalez, A.	2015	Medline
12	Exposição a trauma e transtorno de estresse pós-traumático em usuárias de crack.	Tractenberg, S. G. et al.	2012	Scielo

Fonte: Autoria própria (2017)

Realizada a análise dos artigos, procuraram-se informações que associassem a exposição à violência na infância com resultados adversos na idade adulta, observando os dados estatísticos e os tipos de instrumentos aplicados nas investigações (entrevistas, testes, questionários, escalas, inventários).

4 DISCUSSÃO

Dados do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos revelam que, em 2015, um número de 80.437 (59%) das denúncias registradas foi relacionado a violações de direitos humanos de crianças e adolescentes, de um total de 137.516 denúncias. Destas denúncias, as maiores violações são negligência (38%), seguido de violência psicológica (23,9%), violência física (22%) e violência sexual (11%) (BRASIL, 2016).

O abuso infantil é um importante e complicado problema de saúde pública. (AFIFI et al., 2015). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a debilitação da saúde causada pela violência infantil compõe números relevantes da carga global de doenças.

Assim como em casos de abuso físico direto ou abuso sexual, as crianças que testemunham a violência correm o risco de desenvolver múltiplos sintomas, incluindo transtornos comportamentais, emocionais ou sociais, e declínio no desenvolvimento cognitivo ou físico, embora não seja regra o desenvolvimento de algum tipo de problema (OMS, 2002). Em todos os artigos pesquisados, em maior ou menor grau, foram encontradas relações positivas entre a vivência de violência testemunhada e problemas.

4.1 PROBLEMAS RELACIONADOS À EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA INDIRETA

Quando comparada com outros tipos de violência, como a violência sexual, a violência física, a negligência e a violência psicológica, a exposição à violência indireta aparece em menor grau, como mostram Tonmyr e Gonzalez (2015), ao relatarem que, no Canadá, entre os diversos tipos de maus-tratos à criança, o abuso sexual é mais susceptível de envolver investigações conjuntas com a polícia. Enquanto os registros de abusos sexuais apresentaram 55,6% de investigações, abusos físicos

indicaram 21,0%, negligências retrataram 10%, abusos emocionais mostraram 7,8% e a exposição à violência conjugal, apenas 5,6%.

Apesar do tipo de violência em questão ocorrer bem menos que os outros, ainda assim vale a pena dar atenção aos seus resultados, visto que dificuldades como a relação deste tipo de violência com o uso e abuso de drogas foram encontrados em diversos lugares no mundo, como no Brasil, Estados Unidos e Panamá (SILVA, A. A.; TOKUMARU, R. S.; HOWAT-RODRIGUES, A. B. C., 2015); (CLARKE-WALPER; RIVIERE; WILK, 2013); (BROWN et al., 2015); (GONZALEZ et al., 2015).

Pesquisas realizadas em mulheres usuárias de crack, de Tractenberg et al. (2012), encontram relações entre seu uso e a vivência de eventos traumáticos na infância, trazendo como natureza dos eventos vivenciados, cinco tipos: agressão/abuso físico; agressão/abuso sexual; ameaça à vida; vítima de crime violento; testemunho de evento traumático. E apontam que 57% da amostra relatam o fato de terem sido testemunhas de eventos violentos ocorridos a terceiros.

A experiência traumática na infância é considerada um fator de risco para a experimentação de drogas, visto que pode funcionar como forma de o sujeito automedicar-se, buscando assim, atenuar os sintomas de humor associados ao trauma (TRACTENBERG et al., 2012).

A partir da aplicação em adolescentes universitários, do questionário "Uso de drogas y experiencias adversas de la niñez", e analisando os dados obtidos estatisticamente a partir do Teste do Qui-Quadrado de Independência, Gonzalez et al. (2015) apontam como indicadores cruciais para o uso e abuso de drogas, testemunhar maus-tratos à mãe e divórcio ou separação dos pais, juntamente com o abuso sexual.

Em se tratando do desenvolvimento de transtornos de saúde mental, Clarke-Walper, Riviere e Wilk (2013), em pesquisa realizada com soldados americanos combatentes nas Operation Enduring Freedom (OEF) e Operation Iraqi Freedom (OIF), relacionam os resultados entre experiências adversas na infância, desenvolvimento de problemas de saúde mental e uso abusivo de álcool. O estudo foi realizado através de aplicação de escalas, tendo como resultados positivos de problemas de saúde mental em 17,3% dos participantes, e a afirmação de que todas as categorias de experiências adversas na infância foram associadas com 1,3 a 1,9 maior probabilidade de cumprir os critérios de abuso de álcool, e 1,4 e 2,4 maior probabilidade de cumprir os critérios de abuso de álcool associados a comportamentos de risco.

Quanto à violência indireta, entre os participantes da pesquisa, 18,3% afirmaram terem visto, ao longo da infância, suas mães sendo violentadas de alguma forma. E essas estatísticas aumentaram para 21,8% (1,4 maior probabilidade) entre os entrevistados que assumiram fazer uso de álcool, e 24,3% (1,6 maior probabilidade) entre os que assumiram fazer abuso de álcool com comportamentos de risco. Os autores apontam, com a obtenção de tais dados, que traumas infantis podem induzir

decisões sobre o uso de álcool e comportamentos de risco relacionados (CLARKE-WALPER; RIVIERE; WILK, 2013).

Problemas cognitivos também foram relacionados ao fato de se testemunhar violência na infância, a curto, médio e longo prazo. Irigaray et al. (2013) em revisão sistemática, apontam que experiências traumáticas na infância podem causar alterações cognitivas em crianças, adolescentes e adultos, e sugerem urgência de novos estudos sobre a questão, criticando o fato de que grande parte dos estudos enfatizou os maus-tratos físicos e sexuais, em detrimento de outros tipos de violência, como o abuso emocional e negligência; além da não padronização dos instrumentos neuropsicológicos utilizados na maioria dos estudos existentes.

Percebe-se, no decorrer da pesquisa, que poucas crianças que sofrem exposição à violência têm acesso a cuidados de organizações de proteção à infância ou mesmo da proteção da polícia. Afifi et al. (2015) utilizaram o Questionário de Experiências de Violência da Criança (CEVQ) para avaliar abuso físico e exposição à violência conjugal pelas crianças do Canadá, obtendo que 1,4% das crianças sofreram exposição à violência, enquanto 4,2% sofreram abusos sexuais e 16,8% sofreram abusos físicos.

Mais uma vez nota-se a diferença entre os tipos de abuso, no entanto, 16,6% dessas crianças que foram expostas à violência conjugal tiveram contato com organizações de proteção à criança, enquanto que apenas 8% dos que sofreram abusos físicos e 10,4% dos que sofreram abusos sexuais tiveram esse contato com organizações de proteção (AFIFI et al., 2015).

Quando sofridas em conjunto com a exposição à violência, estes dois últimos tipos de violência aumentaram (abusos físicos e exposição à violência 15,4% e abusos sexuais e exposição à violência 10,5% de contato com tais organizações), o que se justifica, conforme a pesquisa, pelo fato de que quando há outra vítima, geralmente a mãe, a comunidade fica ciente do caso, o que torna mais fácil os relatos e denúncias. Ou seja, o fato de as crianças serem assistidas por organizações ocorreu mais por denúncias da violência sofrida pela mãe, nesses casos, que pelo próprio sofrimento da criança (AFIFI et al., 2015).

Outro problema relacionado à exposição à violência foi a reincidência de vitimização na idade adulta. Grubb e Bouffard (2015), em pesquisa realizada no Texas com 669 homens e mulheres, por meio de um sistema telefônico assistido por computador, apontam que 31,5% da amostra relataram ter testemunhado a violência por parceiro íntimo entre os pais / padrastos enquanto jovens. Os resultados obtiveram, ainda, maior prevalência de vitimização durante a idade adulta para pessoas que foram expostas à violência conjugal quando jovens (64,5%), em relação àqueles não expostos (39,4%).

Assim, os entrevistados que foram vítimas de violência indireta, quando menores de idade, foram 145,9% mais propensos a sofrer violência quando adultos do que aqueles que não sofreram esse tipo de vitimização. Os autores relacionam o contato com a violência também com uso de substâncias

e problemas de saúde mental, concluindo que, se a violência for identificada no início, pode ser reduzida (GRUBB; BOUFFARD, 2015).

Problemas relacionados à sexualidade foram encontrados por Brown et al. (2015), que apontam que experiências adversas na infância (incluindo negligência, abuso físico, abuso psicológico, abuso sexual, exposição à violência dos pais, encarceramento dos pais e psicopatologia dos pais) se associam com a estreia sexual precoce, o que indica variados resultados prejudiciais à saúde. Em se tratando dos entrevistados participantes no geral, a pesquisa obteve dados de que, quando crianças são expostas à violência entre os pais, têm 8,58 mais probabilidade de ter sua primeira relação sexual antes dos 13 anos de idade, sendo que a disparidade entre os sexos foi significativa (homens apresentaram 4,60 mais probabilidade, enquanto mulheres manifestaram 45,7 mais probabilidade).

Vale ressaltar que o ambiente onde pode ocorrer a exposição à violência entre outros não é apenas o domiciliar, e nem apenas entre os familiares. Mountjoy, et al. (2015) aponta como tipo de violência sofrida por crianças atletas no ambiente desportivo, o "abuso de espectadores", juntamente com abusos físicos e sexuais, bullying, doping, entre várias outras formas de violência. Os autores indicam a criação de políticas e sistemas de recebimentos de denúncias de violência no esporte, a fim de haver conscientização sobre a existência da violência, sobretudo infantil no esporte.

Assim, é imprescindível que o assunto seja tomado de maneira mais aprofundada, a fim de conhecer os reais dados sobre a violência testemunhada na infância, visto que "aumentar a nossa capacidade de identificar todas as experiências de abuso de crianças é importante para proteger as crianças de danos" (AFIFI et al., 2015).

4.2 INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

O psicodiagnóstico é um processo científico que usa técnicas e testes psicológicos a fim de entender problemas a partir de pressupostos teóricos, de identificar e avaliar aspectos específicos, classificar e prever possíveis situações, comunicar resultados. Todas essas possibilidades dependem dos objetivos de cada avaliação específica, em razão de hipóteses prévias e através de um plano de avaliação, o que define quais técnicas usar, e quando usá-las (CUNHA, 2000).

Dentre os artigos pesquisados, observou-se que a maioria das pesquisas utilizou entrevistas, questionários, escalas likert, e algumas utilizaram testes psicológicos e não psicológicos, dos quais a entrevista é uma das técnicas de um processo de investigação, por meio da qual se colhe informações de aspectos pessoais, relacionais ou sistêmicos, permitindo o profissional descrever e avaliar cada caso investigado, relacionando eventos experiências, fazendo inferências, estabelecendo conclusões e tomando decisões (TAVARES, 2000).

Algo a se ressaltar é a importância da avaliação psicológica infantil se iniciar por meio da entrevista lúdica, que significa colher dados por meio da observação da relação da criança com

brinquedos e jogos, como a atitude da criança na hora do jogo, sua posição no consultório, a escolha dos brinquedos, entre outras observações (WERLANG, 2000).

Crianças violentadas no lar têm dificuldades de falar diretamente sobre o que sentem e vivenciam internamente e, através de instrumentos projetivos, podem expressar simbolicamente como pode ser perigosa e danosa a experiência de violência doméstica para sua saúde mental (TARDIVO; PINTO JR.; SANTOS, 2005).

No Brasil, existem instrumentos psicométricos infantis que podem ser empregados tanto em pesquisas estatísticas, quanto em investigações clínicas, e usados, exclusivamente pelo profissional psicólogo, a fim de enriquecer a investigação de resultados de exposição à violência na infância. As técnicas projetivas caracterizam forte recurso no contexto da Avaliação Psicológica, possibilitando a manifestação de aspectos inconscientes, propiciando a intervenção adequada (TARDIVO, 2010).

Um exemplo desses instrumentos é o Teste de Apercepção Infantil (Children´s Apperception Test – CAT), teste psicológico projetivo muito útil aos psicólogos em se tratando de diagnóstico e tratamento dos variados transtornos clínicos infantis, o que compreende a repercussão de situações traumáticas vivenciadas pela criança, como negligência, abuso, abandono, maus-tratos e perdas. É usado para determinar as causas com as reações infantis em grupos, escolas e diante dos acontecimentos familiares (FREITAS, 2000).

O CAT-A (Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais) é considerado uma técnica eficaz no entendimento psicológico das crianças vítimas de violência doméstica. O CAT-A pode comunicar simbolicamente o tipo de ansiedade desenvolvida pela vitimização (TARDIVO, 2010).

O teste das Fábulas de Düss é outro teste projetivo apontado como uma técnica eficaz numa investigação profunda sobre os conflitos vivenciados por crianças vítimas de violência doméstica. O teste é composto por dez pequenas fábulas, de fácil compreensão às crianças, por meio das quais as crianças podem exteriorizar seus desejos, medos, necessidades e pensamentos como se na realidade não fossem delas (TARDIVO; PINTO JR.; SANTOS, 2005). O instrumento apresenta uma situação-problema a ser resolvida pelo examinando, o qual pode não expressar nenhum conflito, ou associar a solução a seus problemas de vida diária e conflitos conscientes e inconscientes (CUNHA; WERLANG; ARGIMON, 2000).

O Desenho da Figura Humana é instrumento muito frequente na avaliação psicológica, visto que é a partir de seu desenho que o sujeito se expressa e expressa a forma como vê o outro (SILVA et al., 2010). Este teste é apresentado em um estudo de validação em crianças e adolescentes vítimas e sem suspeita de serem vítimas de Violência Doméstica em diversas regiões do Brasil, a fim de oferecer sua padronização na área da violência doméstica infantil (TARDIVO, 2010). O instrumento pode ser aplicado na avaliação do desenvolvimento infantil, da personalidade, do ajustamento emocional e da ansiedade da criança (HUTZ; BANDEIRA, 2000).

O uso da técnica do Desenho da Pessoa na Chuva ainda não está autorizado no Brasil. No entanto, existem tentativas de revalidá-lo, visto que é considerada uma técnica útil na avaliação da dimensão do conflito e da fragilidade do sujeito diante de situações estressantes, podendo trazer elementos importantes na detecção de conflitos emocionais (SILVA et al., 2010). Seu uso é sugerido como recurso no trabalho do psicólogo judiciário, como instrumento auxiliar no processo de crianças vítimas de violência doméstica, considerando que a técnica pode favorecer a revelação explícita e direta de experiências ruins e secretas de abuso da criança (VAGOSTELLO, 2007).

Outro instrumento consideravelmente importante na identificação de vítimas de violência na infância é o Inventário de Frases no Diagnóstico de Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (IFVD), que trabalha a partir de diversos tipos de violência infantil existentes. Segundo Tardivo (2010), o inventário é composto por 57 frases de simples compreensão que exige da criança que ela responda se as frases têm a ver com sua vida. As frases não tratam diretamente das experiências de vitimização, mas estão relacionadas aos transtornos emocionais, cognitivos, sociais e físicos que a criança pode trazer.

Os instrumentos acima citados são algumas das variadas ferramentas que o psicólogo pode recorrer na investigação a fim de colaborar com a intervenção e prevenção do abuso infantil, sendo indispensável ainda, a prática das entrevistas e observações clínicas como parte do processo, uma vez que, conforme Hutz e Bandeira (2000), nenhum teste consegue substituir o julgamento clínico, e nem consegue fazer um julgamento seguro sobre uma personalidade sem analisar o contexto específico por meio de outras técnicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tende a confirmar as hipóteses iniciais de que crianças que experienciam violência indireta podem desenvolver problemas no decorrer do seu desenvolvimento.

Uma das limitações da pesquisa foi a quantidade de artigos encontrados que não mencionavam a violência indireta como um dos tipos de maus-tratos existentes.

A maioria dos artigos encontrados foi, principalmente, na violência sexual, em detrimento dos outros tipos de violência, o que diminui as chances de se obter dados mais precisos a respeito do peso de se experienciar a violência indiretamente, diminuindo, consequentemente, o conhecimento científico e a conscientização da população a respeito desses resultados.

Além disso, na maioria dos artigos, a violência indireta foi mencionada apenas como um dos múltiplos tipos de violência sofrida na infância, enquanto apenas poucos artigos foram voltados exclusivamente para esse assunto, não permitindo o perscrutamento da pesquisa atual.

Outra limitação encontrada foi o fato de a maioria dos artigos encontrados ser internacional, sendo os dados recolhidos de outros países, como Estados Unidos, Canadá, Colômbia e Panamá, o que

pressupõe resultados diferentes dos possíveis resultados brasileiros. Assim, sugerem-se novas pesquisas nacionais com foco na exposição à violência na infância.

Um ponto importante é que o tipo de violência pesquisada, por não ser muito estudado, não apresentou um nome oficial, gerando dúvidas na forma como pesquisar, visto que foram encontrados nomes como “exposição à violência dos pais”; “ter visto a mãe sendo agredida”; “abuso de espectadores”; “exposição à violência conjugal”; “testemunhar evento traumático”; “testemunhar maus tratos à mãe”; ou mesmo “abuso emocional”.

Algumas das expressões anteriores deixam claro que algumas pesquisas foram realizadas considerando-se o pressuposto de que somente a mãe/cuidadora pode sofrer violência familiar, enquanto o pai/padrasto lhe perpetra. No entanto, deve-se ter cautela quanto a essa hipótese, a fim de não a tomar como regra.

Outro ponto a se destacar é o fato de que não há violência indireta apenas no ambiente familiar, o que sugere pesquisas também em outros ambientes frequentados pelas crianças, como a escola.

Adversidades como abuso de álcool, crack e outras drogas, relações sexuais precoces (o que pode gerar gravidez precoce, DST, entre outros problemas), transtornos de saúde mental, revitimização na idade adulta e problemas cognitivos foram relacionadas ao abuso de violência indireta na infância, quando a criança testemunha violência entre outras pessoas.

Muitas formas de avaliação psicológica dessas crianças são possíveis, e algumas foram explicitadas, partindo da ideia de que é imprescindível respeitar a forma da criança se expressar, e procurando a maneira mais simples e menos invasiva de investigar cada caso.

Além de sugestão de técnicas de avaliação psicológica de crianças vitimizadas, tais dados colaboram, tanto para o início de novas pesquisas, quanto para o desenvolvimento de programas de intervenção e prevenção da violência infantil indireta, visto que se faz necessário conscientizar a população a respeito dos cuidados infantis, os quais são indispensáveis para o desenvolvimento saudável da criança.

REFERÊNCIAS

AFIFI, T. O. et al. Relationship between child abuse exposure and reported contact with child protection organizations: Results from the Canadian Community Health Survey. Child Abuse & Neglect, Canadá, v. 46, p. 198-206, ago. 2015. Disponível em: https://www.clinicalkey.es/service/content/pdf/watermarked/1-s2.0-S0145213415001581.pdf?locale=es_ES. Acesso em: 17 fev. 2017.

BRASIL. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Balanço Anual da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos 2015. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/janeiro/CARTILHADIGITALBALANODO DISQUE1002015.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BRIETZKE, E. et al. Impact of childhood stress on psychopathology. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 480-488, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462012000400016. Acesso em: 17 fev. 2017.

BROWN, M. J. et al. Sex and sexual orientation disparities in adverse childhood experiences and early age at sexual debut in the United States: Results from a nationally representative sample. Child Abuse & Neglect, v. 46, p. 89-102, ago. 2015. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4527947/?tool=pubmed. Acesso em: 17 fev. 2017.

CLARKE-WALPER, K.; RIVIERE, L. A.; WILK, J. E. Alcohol misuse, alcohol-related risky behaviors, and childhood adversity among soldiers who returned from Iraq or Afghanistan. Addictive Behaviors, v. 39, n. 2, p. 414-419, fev. 2014. Disponível em: http://transition.cstsonline.org/assets/media/documents/general_readings/alcohol_and_substance_use/Clarke-Walper%20et%20al.%20(2013)%20alc%20risky%20beh_ACE_OIF_OEF.pdf. Acesso em: 17 fev. 2017.

CUNHA, J. A.; WERLANG, B. G.; ARGIMON, I. I. L. Teste das Fábulas: Novas Perspectivas. In: CUNHA, J. A. et al. (Orgs.) Psicodiagnóstico – v. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 28, p. 421-427.

FREITAS, N. K. CAT e sua interpretação dinâmica. In: CUNHA, J. A. et al. (Orgs.) Psicodiagnóstico – v. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 27, p. 416-420.

GONZALEZ, Y. et al. El uso de drogas entre los estudiantes universitarios y su relación con el maltrato durante la niñez y la adolescência. Florianópolis, v. 24, n. spe, p. 88-96, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000600088&lang=pt. Acesso em: 17 fev. 2017.

GRUBB, J. A.; BOUFFARD, L. A. The influence of direct and indirect juvenile victimization experiences on adult victimization and fear of crime. Journal of Interpersonal Violence, v. 30, n. 18, p. 3151-3173, nov. 2015. Disponível em: http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260514554423. Acesso em: 17 fev. 2017.

HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R. Desenho da Humana. In: CUNHA, J. A. et al. (Orgs.) Psicodiagnóstico – v. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 33, p. 507-512.

IRIGARAY, T. Q. et al. Child maltreatment and later cognitive functioning: A systematic review. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 26, n. 2, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000200018. Acesso em: 17 fev. 2017.

MOUNTJOY, M. et al. Safeguarding the child athlete in sport: a review, a framework and recommendations for the IOC youth athlete development model. British Journal of Sports Medicine, v. 49, n. 13, p. 883-886, jul. 2015. Disponível em: http://bjsm.bmj.com/content/49/13/883. Acesso em: 17 fev. 2017.

PATIAS, N. D.; BOSSI, T. J.; DELL'AGLIO, D. D. Repercussões da Exposição à Violência Conjugal nas Características Emocionais dos Filhos: Revisão Sistemática da Literatura. Temas em Psicologia, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 901-915, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n4/v22n04a17.pdf. Acesso em: 17 fev. 2017.

SILVA, A. A.; TOKUMARU, R. S.; HOWAT-RODRIGUES, A. B. C. Efeitos da Imprevisibilidade Familiar e das Diferenças em Função do Sexo Sobre a Propensão ao Risco, Exposição à Violência e o Desconto do Futuro de Jovens Universitários: Uma Abordagem Evolucionista. Interação em Psicologia, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 255-266, mai./ago. 2015. Disponível em: http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/34591/29359. Acesso em: 17 fev. 2017.

SILVA, R. B. F. et al. O Desenho da Figura Humana e seu uso Na Avaliação Psicológica. Revista Psicologia Argumento, Curitiba, v. 28, n. 60, p. 55-64, jan./mar. 2010. Disponível em: http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=3510&dd99=view&dd98=pb. Acesso em: 21 mar. 2017.

TARDIVO, L. S. P. C. Investigações e Intervenção no Contexto da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes: Propostas do APOIAR. In: ANAIS DA IX JORNADA APOIAR: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E TRABALHO EM REDE COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: BRASIL, ARGENTINA, CHILE E PORTUGAL, 9, 2011, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: IPUSP, 2011. p. 41-58. Disponível em: http://www.ip.usp.br/psiclin/images/stories/leila/ANAIS_IX_JORNADA_APOIAR_LEILA_TARDIVO_18_DE_NOVEMBRO_DE_2011.pdf. Acesso em: 22 fev. 2017.

TARDIVO, L. S. P. C.; PINTO JR., A. A.; SANTOS, M. R. Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Düss. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 59-66, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v6n1/v6n1a08.pdf. Acesso em: 21 mar. 2017.

TAVARES, M. In: CUNHA, J. A. et al. A entrevista clínica. In: CUNHA, J. A. et al. (Orgs.) Psicodiagnóstico – v. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 5, p. 45-56.

TONMYR, L.; GONZALEZ, A. Correlates of joint child protection and police child sexual abuse investigations: results from the Canadian Incidence Study of Reported Child Abuse and Neglect–2008. Health Promotion and Chronic Disease Prevention in Canada, v. 35, n. 8-9, p. 130-137, out./nov. 2015. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4911132/?tool=pubmed. Acesso em: 17 fev. 2017.

TRACTENBERG, S. G. et al. Exposição a trauma e transtorno de estresse pós-traumático em usuárias de crack. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 61, n. 4, p. 206-213, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852012000400003&lang=pt. Acesso em: 17 fev. 2017.

VAGOSTELLO, L. O emprego da técnica do desenho da pessoa na chuva: uma contribuição ao estudo psicológico de crianças vítimas de violência doméstica. 2007. 185 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

WERLANG, B. G. Entrevista lúdica. In: CUNHA, J. A. et al. (Orgs.) Psicodiagnóstico – v. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 10, p. 96-104.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. World report on violence and health. Geneva, 2002. Disponível em: http://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf. Acesso em: 21 mar. 2017.